

A tomada de consciência de um mundo compartilhado¹

Sílvia Regina Guadagnini²

Este texto tem como objetivo abordar como as ciências, a filosofia e as artes vêm construindo um desvio no pensamento de enfoque antropocêntrico para um pensamento que rompe as fronteiras entre naturezas e culturas, estendendo-se para a importância da relação e da comunicação interespecies. Autores como Donna Haraway, Bruno Latour, Anna Tsing, Deborah Danowsky e Eduardo Viveiro de Castro, assim como, artistas contemporâneos e que atuam com bioarte contribuem na construção de formas de despertar reflexões e propor práticas baseadas em um pensamento ecossistêmico. O texto procura mostrar através do trabalho dos artistas: Uýra Sodoma, Jorge Menna Barreto e a dupla Cesar&Lois como a arte pode desenvolver ferramentas e criar narrativas de outros futuros possíveis que despertem reflexões, mudanças de pensamento e comportamento ao propor visões de mundo que englobem a diversidade de seres e povos a partir de abordagens de entendimento sistêmico. A relevância do presente texto está na importância da tomada de consciência de um mundo compartilhado como um dos caminhos para a construção de narrativas de futuros, a partir do cenário atual do Antropoceno.

O século XXI propõe cenários de ficção científica como pano de fundo para o cotidiano dos humanos no planeta Terra. O clima extremamente instável e imprevisível, coloca os humanos em contato com a previsão de um futuro de tragédias climáticas, e em confronto direto com as forças de uma natureza implacável.

Este século está sendo marcado pelas mudanças climáticas extremas e essa pauta vem sendo discutida pelas ciências, pelas humanidades e pelas artes, além de ser amplamente divulgada

¹ Trabalho apresentado no Eixo Temático A - Arte em eventos climáticos extremos, Painel Temático, do XVII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, realizado nos dias 4 a 6 de dezembro de 2024.

² Doutoranda, em Artes Visuais pela UNICAMP, orientadora: Prof.^a Maria José de Azevedo Marcondes. Mestra em Artes Visuais pela UDESC. Graduada em Gestão Ambiental pela UNIP e graduada em Educação Artística pela UNESP. É docente na Universidade Paulista, UNIP, nos cursos de Design Gráfico e Publicidade e Propaganda. E-mail: silvianini@uol.com.br

pela mídia. Os fenômenos naturais vêm se intensificando cada vez mais nos últimos anos, alternando períodos intensos de seca com outros períodos de tempestades muito violentas. Esses eventos extremos ocorrem por causa do aumento da temperatura global ocasionado pela emissão de gases do efeito estufa (GEE), gerados principalmente pela queima de combustíveis fósseis e pelo setor agropecuário. Como a maioria desses gases são gerados por ação antrópica, segundo o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC)³, estudiosos têm utilizado o termo Antropoceno para se referir ao momento que estamos vivenciando.

Atualmente, toda a população mundial vem sendo afetada pelos efeitos das mudanças climáticas, mas as populações mais vulneráveis socialmente e entre elas, no Brasil, as populações indígenas, pretas e quilombolas, são as que acabam sofrendo mais essas consequências.

As chuvas que ocorreram no Rio Grande do Sul, em maio de 2024, podem ser entendidas como um evento climático extremo, de dimensões catastróficas que abalou as estruturas do Estado. Esses eventos climáticos se tornarão cada vez mais frequentes no Antropoceno.

O termo Antropoceno está sendo utilizado para descrever uma nova era geológica após o Holoceno. Esse novo período é apontado como resultado da interferência humana no sistema do planeta, teria se iniciado a partir da Revolução Industrial e se intensificado a partir da Segunda Guerra Mundial. O termo passou a ser popularizado por Paul Crutzen e Eugene Stoermer⁴, a partir dos anos 2000.

Para Donna Haraway (2016, p. 140), o termo Antropoceno é considerado mais como um evento-limite⁵ do que uma nova era geológica, um período que representa eventos extremos que causarão descontinuidades graves e extinções em massa, para então, ocorrer a mudança para uma nova era geológica. Alguns autores como Jason Moore, Andreas Malm e Donna Haraway têm

³ O IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change) é um órgão da Organização das Nações Unidas (ONU) que avalia a ciência relacionada às mudanças climáticas.

⁴ O termo Antropoceno passou a ser utilizado no século passado e conta-se que foi durante uma discussão em um encontro do International Geosphere-Biosphere Programme (IGBP) perto da Cidade do México, em 2000, que o químico atmosférico Paul Crutzen, Nobel de Química em 1995, por seu estudo sobre a camada de Ozônio que propôs o conceito pela primeira vez, publicando-o logo em seguida em uma *newsletter* juntamente com seu colega Eugene Stoermer (Crutzen & Stoermer 2000), e formalizando-o em 2002, no artigo "Geology of Mankind" (Crutzen 2002) (Danowsky, 2014, p.16).

⁵ Evento-limite – Esse tipo de evento já ocorreu anteriormente na história geológica do planeta. O limite K-Pg, ou limite entre os períodos Cretáceo e Paleógeno, é um momento geológico que marca o fim da Era Mesozoica e o início da Era Cenozoica. Este evento é conhecido por ter causado uma extinção em massa que eliminou cerca de 70% da biosfera terrestre, incluindo os dinossauros. K é a abreviatura tradicionalmente usada para o período Cretáceo, e Pg é a abreviatura para o período Paleogeno (IA).

utilizado o termo Capitaloceno por entenderem o capitalismo como o sistema que rege a destruição da natureza.

As ciências foram as primeiras a tratar sobre o tema do Antropoceno e mais recentemente, o termo vem sendo pensado pelas ciências humanas e pelas artes, no intuito de compreender e tecer possibilidades de futuros. Segundo Danowsky e De Castro (2014, p. 27): “Nas narrativas dessa “História Profunda” que vai sendo construída por historiadores, paleontólogos, climatólogos e geólogos, os humanos desempenham ao mesmo tempo um papel crucial, tardio e muito provavelmente efêmero.”

Filósofos, autores e artistas vêm discorrendo através de ficções e cosmologias sobre a origem, o meio e os possíveis “fins de mundo” ou “fim do mundo dos humanos” (Danowsky; De Castro, 2014).

Haraway (2016, p. 139, 140), ao tratar sobre o Antropoceno cita um artigo de Anna Tsing (2015), chamado “Feral Biologies”, no qual a autora:

[...] sugere que o ponto de inflexão entre o Holoceno e o Antropoceno pode eliminar a maior parte dos refúgios a partir dos quais diversos grupos de espécies (com ou sem pessoas) podem ser reconstituídos após eventos extremos (como desertificação, desmatamento...).

Seguindo esse pensamento, Haraway (2016, p. 141) aponta para a importância de reconstituir refúgios, para conseguir recuperar e recompor uma estrutura biológica-cultural-política-tecnológica, sabendo-se que mesmo assim, ocorrerão perdas irreversíveis.

Ao mesmo tempo em que são pensado os “fins” são também projetadas narrativas de possíveis futuros. E a construção desses possíveis futuros considera muitas vezes, outras vezes, humanas e não humanas, abordando a questão do compartilhamento, do mundo tecnocientífico, da comunicação e relação interespecie buscando romper as fronteiras entre naturezas e culturas.

O pensamento antropocêntrico que surgiu a partir do século XVII com a revolução científica e se fortaleceu depois com o Iluminismo no século XVIII, colocou o homem em uma posição de deslocamento da natureza, como um legislador autônomo, um senhor da natureza, e Immanuel Kant veio firmar isso, a partir do conceito do “excepcionalismo humano” que estabelece a separação entre Natureza e História [Cultura] (Danowsky e De Castro, 2014, p. 43).

As perspectivas de final de mundo apresentadas pelo Antropoceno colocam em xeque essa lógica moderna de construção de uma sociedade humana que objetifica a natureza através de uma ideologia de progresso tecnocientífico sustentada pelo sistema capitalista (Danowsky e De Castro, 2014).

Assim, a separação entre natureza e cultura não consegue mais ser sustentada no cenário atual. Compreender a importância das relações entre os seres e suas interdependências se torna essencial nas projeções e construções de narrativas para possíveis futuros. Futuros que venham mitigar as consequências da ação antrópica na Terra.

A consciência de um mundo compartilhado envolve a consciência de interação. Os humanos fazem parte de um sistema que tem como ponto fundamental a relação com outros seres.

Para Haraway (2021), o trabalho das espécies companheiras é coabitar uma história ativa, sendo “a relação” a menor unidade possível de análise.

A relação com os outros seres molda quem somos e pode ser a concepção de comunicação com o mundo. Assim, a comunicação interespecie requer dos humanos um olhar para o outro, como um ato de respeito. Esse olhar requer percepções e habilidades que os povos regidos pelo capitalismo perderam ou delegaram aos aparatos tecnológicos durante a jornada cultural pela especialização, classificação e remodelamento do mundo sob a ótica humana moderna. Estamos impregnados pela visão e pela palavra, perdendo nossos já limitados sentidos e capacidades corporais de nos comunicar com outras espécies através de, por exemplo, o olhar. Segundo Haraway (2022, p. 42), a verdade ou honestidade da comunicação não linguística dos corpos que interagem em proximidade, depende de devolver o olhar.

Povos originários mais conectados com os ciclos da terra podem estar mais próximos da concepção de comunicação e respeito com o planeta, por considerar todas as entidades naturais. Krenak fala sobre a interação e comunicação de seu povo com os rios:

“Esse nosso rio-avô, chamado pelos brancos de rio Doce, cujas águas correm a menos de um quilômetro do quintal de minha casa, canta. Nas noites silenciosas ouvimos sua voz e falamos com nosso rio-música. Gostamos de agradecer-lo, porque ele nos dá comida e essa água maravilhosa, amplia nossas visões de mundo e confere sentido à nossa existência” (Krenak, 2022, p. 14).

A arte tem um papel importante ao despertar reflexões, criar práticas e proporcionar desvios do olhar. Ao fazer o olhar sair do eixo antropocêntrico, deslocado da visão moderna da excepcionalidade do homem (LATOURE, 1994), a arte pode auxiliar no despertar de uma tomada de consciência de que os humanos não estão sozinhos por aqui. Uma tomada de consciência de um mundo compartilhado.

O termo compartilhar envolve o outro, eu e o outro, eu e os outros, os outros e outros. Segundo o dicionário Aurélio (2010, p. 180), compartilhar significa “ter ou tomar parte em; participar de; compartilhar, partilhar”. Essa tomada de consciência pode chegar num momento em que está ocorrendo a aceleração de uma grande perda de biodiversidade do planeta. Um mundo compartilhado, mas beirando a solidão humana, após a dizimação e silenciamento de outros povos, outras espécies, outros sistemas em nome de uma cultura baseada na extração e acumulação desigual de recursos.

Anna Tsing acredita na criação de paisagens vivas, animadas que englobem as relações multiespécies humanas e não humanas. Segundo a autora: “[...] paisagens animadas nas quais humanos são parte de mutualismos⁶ que fazem muitas formas de vida prosperarem. Precisamos de mutualismos multiespécies para sobreviver (Tsing, 2019, p. 91).”

Em biologia e ecologia as relações interespécies, ocorrem na interação entre dois ou mais indivíduos de espécies diferentes e podem ocorrer de forma desarmônica, quando há prejuízo para uma ou ambas as espécies, através de canibalismo, competição, parasitismo, predatismo, entre outras; ou de forma harmônica, quando há benefício para uma ou ambas as espécies, através de colônias, sociedades, comensalismo, mutualismo e cooperação. O capitalismo coloca os humanos em uma relação de constante desarmonia com o outro, em oposição e em competição com outros humanos e com outras espécies, disputando, predando e parasitando vidas e recursos.

Existe a opção de interagir de forma harmônica em colaboração interespecífica e com o meio. Seria urgente rever sistemas, práticas e formas de viver. A arte ao construir narrativas de futuros pode sugerir projetos de mundo mais inclusivos e menos exploratórios.

⁶ Mutualismo: relação ecológica entre indivíduos de espécies diferentes, na qual ambos se beneficiam da interação. O mutualismo, ou simbiose, se difere da cooperação porque a associação entre as duas espécies garante a sobrevivência de ambas, uma não conseguiria viver sem a outra.

Assim, a arte pode ser uma ferramenta para tecer novas narrativas de futuros possíveis, trabalhando em ficções de futuro através de imaginações políticas que englobem as relações interespecies, a diversidade de pessoas e de povos e a recuperação de suas narrativas, numa espécie de resistência a uma única linha de conhecimento e saber, um futuro de compreensão de que estamos dentro de um organismo maior e em constante interrelação (Lopes; Ticoulat, 2022).

Diversos artistas vêm trabalhando temas como: as cosmologias de povos originários, as questões sobre as mudanças climáticas, as questões sobre diversidade e as relações de igualdade social, de gênero e racial, e sobre as visões de um mundo interespecies, um mundo compartilhado. Nos últimos anos foram realizadas várias exposições com temáticas específicas a esses temas, assim como, as últimas edições da Bienal de Arte de São Paulo têm apresentado diversos artistas indígenas, quilombolas, pretos, LGBTQIAPN+ e artistas que atuam na intersecção entre arte, ciência e tecnologia abordando essas questões atuais.

Os artistas e as obras apresentadas a seguir são exemplos de como a arte pode operar como mecanismos e ferramentas de mudança, abrindo para perspectivas não convencionais de pensamento, tirando o foco do antropocentrismo, do capitalismo, do colonialismo e abarcando a diversidade de seres e povos.

Na 34ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2021, a bióloga, arte educadora e artista visual indígena que assumiu artisticamente a persona de Uýra Sodoma como identidade de comunicação, apresentou a série de dez fotos da performance “Retomada”. Nessa série, a artista coloca-se como um ser híbrido, entre humano, animal e planta, numa junção entre arte, ciência e conhecimentos ancestrais, tornando-se a representação de uma voz para as espécies da natureza e para os indivíduos que sofrem com as consequências de um sistema que coloniza, explora, oprime e silencia muitos grupos de indivíduos. A série de fotos “Retomada” mostra a resiliência das plantas pioneiras que buscam retomar o espaço que já lhes pertenceu, crescendo em frestas, fendas e muros, resistindo e existindo, fazendo assim, uma analogia com as resiliências das populações periféricas, LGBTQIAPN+ e socialmente mais oprimidas (Rahe, 2021).

A artista torna-se a representação de uma entidade de comunicação interespecies, a “voz” de outros seres, entre mundos. Uýra utiliza elementos naturais para compor suas vestimentas, realizando performances com registros fotográficos muito potentes. A entidade Uýra personifica a visualidade de um diálogo entre humanos e não humanos num mesmo ser.

Segundo a artista (Lopes, 2022):

Uýra é uma entidade que conta histórias de diferentes Naturezas, tanto a natureza ancestral das coisas vivas em estado de liberdade, quanto esta “Natureza” estranha, das paisagens de violência, abandono e dor com as quais somos ensinados a encarar como “naturais”, sobretudo nos espaços das cidades brasileiras.

Figura 1 – Imagem “Cobrir, espalhar” da série “Retomada” (2021), da artista Uýra Sodoma.



Fonte: Fotografia: Matheus Belém⁷.

O trabalho da Uýra Sodoma vem carregado de um ativismo político em prol dos direitos para as populações indígenas, LGBTQIAPN+ e das populações periféricas da Amazônia, buscando explicitar uma relação de respeito e igualdade com o outro, com os outros não humanos e com a diversidade de humanos, que são oprimidos por um sistema que explora os indivíduos. É possível perceber uma semelhança nas relações multiespécies com enfoque ambiental e social nas performances de Uýra que está em sintonia com o pensamento de Haraway quando trata sobre o feminismo. A autora ao tratar sobre a complexidade para abarcar uma relação multiespécie amplia

⁷ Flickr.com, Série Retomada: <https://www.flickr.com/photos/156456635@N08/albums/72157719829196161/>

esse pensamento para que se levem em conta as diferenças e as diversidades humanas. “Se for para existir uma ecojustiça de multiespécies, que esta também possa abraçar a diversidade das pessoas” (Haraway, 2016, p. 141). Em uma linha semelhante de pensamento, o trabalho de Uýra, com foco ambiental, de respeito e preservação das plantas, animais, rios e ecossistemas se estende para o social, alargando a visibilidade do problema das populações periféricas, da diversidade de povos e da discriminação de grupos.

A arte pode ser uma forma de propor mudanças, despertar reflexões, operar sobre sistemas e sugerir novas práticas. Um outro trabalho artístico que pode ser lembrado como um exemplo da arte que opera como uma ferramenta de mudança de práticas é a obra “Restauro”, do artista brasileiro Jorge Menna Barreto, apresentado na 32ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2016, no qual o restaurante da Bienal foi ocupado pela obra, que propôs uma “escultura ambiental”, a partir da relação entre hábitos alimentares de consumo e de práticas de produção agrofloretais. A forma como produzimos o alimento e o que comemos impacta o planeta. Segundo o artista: “Aquilo que a gente come define a paisagem em que vivemos (Strecker, 2016).” A obra “Restauro” induziu o consumo de espécies vegetais produzidas pelos sistemas agrofloretais, que são sistemas sustentáveis de produção para recuperar solo e a biodiversidade. Assim, a obra tornou-se um mecanismo temporário de mudança de práticas de consumo, de alteração da paisagem e de formas de produção de espécies vegetais (Bedê, 2016, p. 208).

Segundo o texto sobre os artistas participantes da 32ª Bienal de Arte de São Paulo, Incerteza Viva (2016): “O projeto Restauro (2016) levanta questões acerca da construção dos hábitos alimentares e sua relação com o ambiente, a paisagem, o clima e a vida na terra. [...] Esse espaço de alimentação propõe uma experiência de metabolização e digestão tanto física quanto mental.”

Junto com a implantação do projeto “Restauro”, foram produzidos áudios, gravados por Marcelo Wasem. As gravações feitas em ambientes de monoculturas, como canaviais, impactaram pelo silêncio. Ao destruir ecossistemas e aniquilar espécies através do uso intenso de agrotóxicos e de manejo agressivo do solo, as monoculturas silenciaram os ambientes. O silêncio contrasta com os áudios feitos em ambientes florestais, nos quais ouvia-se os ruídos da floresta, gerados por insetos, anfíbios, pássaros e outros animais.

Figura 2 – Imagem da obra “Restauro” (2016), do artista Jorge Menna Barreto.



Fonte: Incerteza Viva – Bienal de São Paulo⁸

O som é uma forma de percebermos a presença de não humanos num ambiente, mas nosso espectro de captação sonora é limitado, assim como nossa visão e olfato, e não podemos confiar em nossa percepção e sentidos para abarcar a compreensão da complexidade de um ecossistema.

Essa complexidade, muitas vezes, não é captada e compreendida porque para os humanos o modelo de ideia de vida complexa e inteligente corresponde ao modelo de vida animal, sendo num passado recente, o ato de pensar uma especificidade humana, mas segundo Eduard Kohn (*apud* Baio; Solomon, 2024). “pensar não é restrito aos humanos”. Assim, outros seres, com estruturas organizacionais diferentes, como as plantas, por exemplo, são consideradas pelos humanos como passivas e não cognitivas, por causa de sua organização morfológica baseada na descentralização, distribuindo por todo o corpo as funções que os animais concentram em órgãos (Mancuso, 2019, p. 95 e 96).

Nas plantas, o sistema radicular é uma rede física e pode ser comparado a uma espécie de cérebro coletivo ou inteligência distribuída. Além disso, estudos sobre o comportamento de grupos, tanto de plantas quanto de outros organismos vivos indicam que existem princípios gerais

⁸ Incerteza Viva - 32ª Bienal de São Paulo: <http://www.32bienal.org.br/pt/participants/o/2564>

que governam a organização desses grupos indicando a presença de uma inteligência coletiva (Mancuso, 2019, p. 110).

A obra de bioarte “Boreal Intelligence” desenvolvida pela dupla de artistas Cesar&Lois⁹, é uma obra de arte *in-situ* que foi instalada numa floresta boreal na Finlândia e apresentada no Ars Electronica 2023¹⁰. “Boreal Intelligence” externaliza a inteligência e a complexidade de comunicação dos sistemas vivos de uma floresta, uma forma de contemplar a inteligência florestal auxiliando na tomada de consciência de um mundo compartilhado.

Segundo Baio e Solomon (2024) “A obra Boreal Intelligence cria uma experiência de floresta senciente, produzindo para os sentidos humanos vislumbres da sinalização oculta que torna a floresta uma rede ativa e viva.”

O trabalho é uma intervenção na floresta, composto por esculturas tecnológicas em forma de casulos em acrílico que possuem na parte interna um sistema orientado por inteligência artificial. Esses casulos são conectados aos seres não humanos da floresta como árvores, fungos, musgos e líquens, a partir do solo, para assim, captar a atividade bioquímica deles e transformá-la em pulsos bioelétricos, recodificando-os em sinais luminosos (Baio; Solomon, 2024).

Um ponto interessante desta obra é que os artistas buscaram treinar a inteligência artificial com dados não humanos, para que o sistema da obra fosse capaz de reconhecer padrões de dados que não fossem baseados na lógica ou em critérios humanos. Os artistas vêm desenvolvendo esse ponto em uma série de obras e artigos, o pensamento de máquinas baseado na lógica de ecossistemas complexos, em um movimento em direção a uma “IA ecossistêmica” (Baio; Solomon, 2024).

A obra, através de pulsações luminosas, permite ao espectador visualizar o ritmo de atividade de cada ser e perceber suas diferenças, como por exemplo, os fungos apresentam uma pulsação constante em relação aos líquens que produzem grandes pausas entre uma pulsação e outra. Isso permite a compreensão de ritmos outros, distintos. A obra cria uma experiência de percepção de uma rede viva e da complexidade da inteligência florestal.

⁹ Cesar Baio, UNICAMP, Departamento de Mídias, Brasil e Lucy HG. Solomon, CSUSM, Department of Art, Media and Design, EUA. (cesarandlois.org)

¹⁰ “Boreal Intelligence” foi apresentada no Ars Electronica 2023, *More-than-Planet Lab* e no *Northern Photography Centre em Oulu*, Finlândia, em 2024. Vídeo sobre a obra “Boreal Intelligence, Cesar & Lois (2023-2024) - an introduction”: <https://www.youtube.com/watch?v=hy2TiDoBy9A>

Figura 3 – Obra “Boreal Intelligence” da dupla de artistas Cesar&Lois.



Fonte: Foto Cesar&Lois¹¹.

Toda atividade bioquímica da floresta captada pela obra mostra os diferentes ritmos de pulsação de cada ser e como esses seres respondem uns aos outros e às variações de condições externas, gerando uma sinfonia luminosa e silenciosa. A obra consegue externar que toda essa relação de biocomplexidade de comunicação e “inteligência florestal” pode ser estudada e compreendida pelos humanos, mas não consegue ser captada por seus sentidos por causa da dinâmica de emissão de sinais e pela complexidade e amplitude da escala de tempo e de dados (Baio; Solomon, 2024).

A arte pode ser um auxílio na mudança de foco da visão antropocêntrica para uma visão que rompe as diferenças entre naturezas e culturas, mais compatível com uma rede ecossistêmica e interespecíes, dentro de uma lógica relacional, estabelecendo práticas aliadas à tomada de

¹¹ Foto retirada do texto Boreal Intelligence, disponibilizado pelo autor no Ciclo de Debates: Extremidades, linguagens, mundos. [online] 2024: https://extremidades.art/x/ciclobates2024/wp-content/uploads/sites/23/2024/07/CR2024_Boreal_Intelligence-Cesar-Lois-revised-submission.pdf

consciência de um mundo compartilhado, gerando caminhos para tecermos a construção de futuros possíveis.

Palavras-chave

Interespécie; bioarte; comunicação; antropoceno; inteligência artificial.

Referências

BAIO, Cesar; SOLOMON, Lucy, H.G. Boreal Intelligence. **Ciclo de Debates: Extremidades, linguagens, mundos.** [online] 2024. Disponível em: https://extremidades.art/x/ciclobates2024/wp-content/uploads/sites/23/2024/07/CR2024_Boreal_Intelligence-Cesar-Lois-revised-submission.pdf Acesso em: 11 de out. 2024.

BEDÊ, Cecília. **Catálogo de 32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva, 2016.** São Paulo: Bienal São Paulo, 2016. Disponível em: <https://issuu.com/bienal/docs/32bsp-catalogo-web-pt> Acesso em: 05 de out. 2024.

DANOWSKI, Deborah; DE CASTRO, Eduardo Viveiros. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2014.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Mini Aurélio:** o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram.** Tradução: Juliana Fausto. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

HARAWAY, Donna. **Manifesto das espécies companheiras:** cachorros, pessoas e alteridades significativas. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Tradução: Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom – Vulnerabilidade** [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/> Acesso em: 01 de out. 2024.

INCERTEZA VIVA. 32ª BIENAL DE SÃO PAULO. **Artistas: Jorge Menna Barreto.** Site 32Bienal. Disponível em: <http://www.32bienal.org.br/pt/participants/o/2564> Acesso em: 25 de jan. 2025.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LOPES, Fernanda. Uýra Sodoma, estreia na 13ª Bienal Internacional de Arquitetura de SP. **EMTEMPO**. Jornal Digital. 02/06/2022. Disponível em: <https://emtempo.com.br/53256/sem-categoria/uyra-sodoma-estrela-na-13a-bienal-internacional-de-arquitetura-de-sp/> Acesso em: 02 de dez. 2024.

LOPES, João P. S.; TICOULAT, Fernando. Eco Lógicas Latinas. São Paulo: Act, 2022.

MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas**. Tradução: Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

RAHE, Nina. Uýra Sodoma: a cobra das águas amazônicas diante da degradação ambiental. **Revista Select_Celeste**. [Online]. 23/02/2021. Disponível em: <https://select.art.br/uyra-sodoma-a-cobra-das-aguas-amazonicas-diante-da-degradacao-ambiental/> Acesso em: 29 de set. 2024.

STRECKER, Márion. Jorge Menna Barreto: lições da floresta. **Revista Select_Celeste**. [Online]. 08/12/2016. Disponível em: <https://select.art.br/jorge-menna-barreto-licoes-da-floresta/> Acesso em: 28 de jan. 2025.

TSING, Anna H. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.